
OS MULTILETRAMENTOS EM SALA DE AULA: POTENCIALIDADES DO GÊNERO TIRAS DE HUMOR

Francieli Aparecida Dias¹

Resumo: Percebe-se, na contemporaneidade, a emergência de discussões concernentes às novas tecnologias sendo apropriadas no espaço escolar. Nesse contexto, o processo de ensino e aprendizagem tem sido reconfigurado. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo empreender um estudo sobre a ampliação dos multiletramentos na escola, por meio do gênero textual tira de humor. Para tanto, além de uma pesquisa de cunho teórico, foi empreendida a análise de uma tira de humor, com base na Gramática do Design Visual (Kress e Van Leeuwen, 2006). Por meio do estudo, foi possível perceber as possíveis contribuições em sala de aula do gênero eleito para a análise, uma vez que não só habilidades linguísticas podem ser desenvolvidas, mas também discursivas.

Palavras-chave: Multiletramentos. Novas tecnologias. Tiras de humor.

Introdução

Na sociedade atual, é possível perceber inúmeras transformações que têm influenciado sobremaneira as práticas didático-metodológicas em sala de aula. Nesse cenário, as novas tecnologias vêm ocupando cada vez mais espaço nas discussões concernentes ao processo de ensino e aprendizagem e de construção de saberes dentro da escola. Pode-se afirmar, dada a nova conjuntura, que a inserção das novas tecnologias no âmbito escolar permite o acesso a diferentes situações interativas que se articulam com o cotidiano social, incita o aperfeiçoamento de habilidades de leitura e de produção escrita e possibilita a exploração do texto no suporte virtual - a *web*. Nesse espaço, os textos ganham novos formatos e requerem, assim, novos modos de produzir sentidos, ou seja, (multi)letramentos.

Diante disso, o presente trabalho discute o conceito de multiletramentos, relacionando-o com a emergência das Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (doravante TDIC), haja vista que é por meios delas que muitos textos multimodais/multissemióticos são veiculados e que um número considerável de experiências de leitura têm acontecido. Entre os gêneros textuais/discursivos que hoje podem ser considerados multissemióticos está o gênero tira de humor,

¹ Mestranda em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: francielidias.heliadora@yahoo.com.br.



utilizado para fins diversos e podendo ser encontrado em diversos espaços na rede. Sendo assim, o presente trabalho tem como escopo empreender um estudo sobre a ampliação dos multiletramentos na escola, por meio do gênero textual tira de humor.

Para a consecução do objetivo proposto, foi realizada, em um primeiro momento, uma pesquisa de cunho teórico pautada em autores que versam sobre os gêneros textuais, como Marcuschi (2005) e Xavier (2009), em autores como Rojo (2008; 2009; 2012) e Pinheiro (2015) que discutem questões relacionadas aos multiletramentos e à multimodalidade/multissemiose que caracterizam muitos dos textos que circulam na atualidade, ademais buscou-se caracterizar o gênero eleito para a presente pesquisa, por meio das considerações de autores como Mendonça (2005) e Silva (2008). Em um segundo momento, foi desenvolvida a análise de uma tira de humor, com base no estudo teórico empreendido e na Gramática do Design Visual (Kress e Van Leeuwen, 2006), que explora não só textos em sua forma verbal, mas também textos imagéticos.

Por meio da pesquisa empreendida, procurou-se refletir a respeito das possíveis contribuições do uso de tiras de humor em sala de aula para discussões de temáticas importantes e, conseqüentemente, para a ampliação dos multiletramentos, uma vez que não só habilidades linguísticas, mas também discursivas podem ser desenvolvidas por meio da leitura e compreensão de textos multimodais/multissemióticos.

1. Pressupostos teóricos

O estudo em questão apresenta como pressupostos teóricos a importância dos gêneros textuais/discursivos em sala de aula, destacando possibilidades de trabalho com tiras de humor. Discute uma abordagem de ensino que prevê as relações entre as TDIC, a leitura de tiras de humor e os multiletramentos. Para tanto, a discussão teórica se dará através do seguinte percurso: dos gêneros textuais/discursivos ao gênero tira de humor, veiculado em TDIC, que, por sua vez, contribuem para a ampliação de multiletramentos, por se afirmarem como suporte preeminente de textos multimodais multissemióticos.

1.1 Os gêneros textuais/discursivos no âmbito escolar

O trabalho com a diversidade de textos em sala de aula se constitui como um princípio didático que é preconizado no documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), onde se lê que é



necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. (BRASIL, 1998, p.23, 24)

Nesse sentido, os gêneros textuais/discursivos assumem relevância no que tange a um processo de ensino e aprendizagem que objetive a adequação das atividades linguísticas dos alunos, com êxito, aos eventos sociais de comunicativos nos quais eles se encontram inseridos.

De acordo com Marcuschi (2005), os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, contribuindo para ordenar e estabilizar as atividades de comunicação do dia-a-dia. São caracterizados como eventos maleáveis, dinâmicos e plásticos, surgindo de necessidades e atividades socioculturais e na relação com inovações tecnológicas.

Tendo em vista o exposto, ao lançar mão dos gêneros textuais² em sala de aula, a promoção de (multi)letramentos, considerados essenciais na contemporaneidade, é viabilizada. Sendo assim, segundo Xavier (2009), é preciso fomentar novas propostas de como elaborar atividades didáticas que explorem gêneros e o uso de tecnologias em sala de aula. Nessa direção, o trabalho em questão elege como objeto de análise o gênero tira de humor com o intuito de encaminhar uma proposta de leitura.

A tira de humor pode ser considerada um tipo de história em quadrinho (HQ) mais curta, apresentando, portanto, um caráter sintético. Mendonça (2005), ao realizar uma pesquisa, afirma que até os anos 70, raramente, havia HQs nos livros didáticos de Língua Portuguesa. A partir dos anos 90, os quadrinhos passaram a ser encontrados em praticamente todos os livros didáticos, entretanto, “ainda assim, as seções destinadas às HQs permanecem sendo as menos ‘importantes’, do tipo ‘Divirta-se’, ‘Só para ler’ ou ‘Texto suplementar’, sendo raríssimos os casos de uma HQ figurar como texto central de unidade didática em um LDP” (Mendonça, 2005, p. 203).

Outra visão, a despeito das tiras de humor e suas relações com a educação há alguns anos, é apresentada por Silva (2008), que escreve que durante muito tempo

as tiras em quadrinhos, de maneira especial, foram vistas como objeto de leitura pernicioso e alienante por diversos intelectuais, portanto banido da esfera educativa. Geralmente, a leitura deste gênero se dava no dia-a-dia de maneira espontânea e intuitiva, por meio de jornais e revistas em quadrinhos, no espaço

² O trabalho em questão não apresenta uma discussão conceitual considerando possíveis distinções entre “Gêneros textuais” e “Gêneros discursivos”, mas concebe os gêneros como linguagem culturalmente pertinente a uma dada situação e atravessada por discursos de ordens diversas, conforme escreve Motta-Roth (2008).



privado. O leitor se divertia com as piadas encontradas nas tiras, sem se preocupar com os mecanismos que o autor utilizava para produzir o humor. (Silva, 2008, p. 1).

Hoje, as tiras parecem deter mais a atenção dos leitores, que não só se divertem ao ler, mas são capazes de se portar como sujeitos reflexivos frente à questões de ordem social. Comumente denominado de tirinhas, o gênero, segundo Leite (2013),

é um meio de comunicação muito utilizado pelo público infantojuvenil, e também pelos adultos por seu caráter humorístico, envolvendo personagens fixos, relacionados com o cotidiano. Esse gênero é constituído pela linguagem verbal e não verbal que agregadas produzem o sentido do texto. Sendo um gênero agradável e de fácil análise linguística, leitura e interpretação textual, é bem instigante para o aluno que na maioria das vezes cria uma aversão à leitura. (LEITE, 2013, p. 17)

No que diz respeito às características estruturais das tiras de humor, segundo Carvalho (2008), entre os seus elementos verbais e não verbais estão: os balões, a onomatopeia, planos e ângulos de visão e legendas. Sendo assim, é possível afirmar que se trata de um gênero multimodal/multissemiótico. De acordo com Pinheiro (2015), a multimodalidade se constitui a partir do princípio de que toda significação é fruto da inter-relação entre vários meios semióticos.

Assim como na linguagem oral o sentido é representado pelas palavras, gestos, entonação, expressões faciais, ou mesmo o silêncio, em outros contextos de significação é importante analisar a junção entre linguagem verbal e imagem, disposição espacial, cores, áudios, vídeos, etc. Deve-se também ressaltar que a multimodalidade, ao se constituir em práticas de letramentos, configura-se, pois, como práticas sócio discursivas, que possibilitam a compreensão e o questionamento de forças ideológicas e de poder com vistas à emancipação e transformação do indivíduo. (PINHEIRO, 2015, p. 211)

Nesse sentido, são percebidos redimensionamentos nos modos de se conceber o texto e é inevitável não considerar as influências das TDIC nesse processo, demandando novas posturas de seus usuários, novos letramentos.

1.2 As TDIC e a teoria dos multiletramentos

As Tecnologias de Informação e Comunicação surgiram na Revolução Informacional, por volta da década de 1970, e ganharam intensidade com a propagação da Internet nos anos 90, ocasionando uma reconfiguração da sociedade e, conseqüentemente, do processo de ensino e aprendizagem. Rojo (2008) afirma que o surgimento e a ampliação significativa de acesso às



Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação (computadores pessoais, mas também celulares, TVs digitais, entre outras) implicaram, pelo menos, três mudanças, que assumem relevância na reflexão sobre os letramentos socialmente requeridos:

a) a intensificação vertiginosa e a diversificação da circulação da informação nos meios de comunicação analógicos e digitais, que, pois isso mesmo, distanciam-se hoje dos meios impressos, muito mais morosos e seletivos, implicando, segundo alguns autores (CHARTIER, 1997; BEAUDOUIN, 2002), mudanças significativas nas maneiras de ler, de produzir e de fazer circular textos nas sociedades; b) a diminuição das distâncias espaciais – tanto em termos geográficos, por efeito dos transportes rápidos, como em termos culturais e informacionais, por efeito da mídia digital, desenraizando as populações e desconstruindo identidades, e a diminuição das distâncias temporais ou a contração do tempo, determinadas pela velocidade sem precedentes, pela quase instantaneidade dos transportes, da informação, dos produtos culturais das mídias, características que também colaboram para mudanças nas práticas de letramentos; c) a multissemiótica que as possibilidades multimidiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico trazem para o ato de leitura: já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, fala, música) que o cercam, ou intercalam ou impregnam; esses textos multissemióticos extrapolaram os limites dos ambientes digitais e invadiram também os impressos (jornais, revistas, livros didáticos). (ROJO, 2008, p. 583-584).

Em meio a um contexto de muitas mudanças, conforme explicitado na citação anterior, tendo em vista a importância e a necessidade de dominar modos de ler e escrever mais tradicionais e outros mais recentes e levando em conta as transformações sociais, culturais, econômicas, políticas e históricas, o termo “multiletramentos” é cunhado, em 1996, pelo *New London Group* (NLG). Com base nos pressupostos do grupo, Rojo (2012) delibera que esse conceito aponta para dois tipos de multiplicidade: a cultural das populações e a semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

O NLG propõe a pedagogia dos multiletramentos, defendendo um ensino que considere as dimensões da vida profissional, pessoal e de participação cívica. Diante disso, e pensando nas potencialidades das TIDC no que diz respeito ao trabalho com multiletramentos na escola, acredita-se na importância de que práticas de ensino envolvam, cada vez mais e de maneira significativa, o uso de recursos tecnológicos, com vistas a viabilizar possibilidades de leitura condizentes com a realidade que se experimenta na vida em sociedade.

2. Metodologia



Conforme exposto, o objetivo do presente trabalho é empreender um estudo sobre a ampliação dos multiletramentos na escola, por meio do gênero textual tira de humor. Para a consecução dessa proposta, o estudo em questão, além da compilação teórica que traz, reconhece a aplicabilidade da Gramática do Design Visual (doravante GDV), proposta por Kress e Van Leeuwen (2006), como ferramenta analítica para a leitura de textos multimodais/multissemióticos.

Antes de apresentar os seus princípios basilares, é importante considerar que a GDV diz respeito à uma gramática que se insere no campo da Semiótica Social da linguagem, que surge como uma ciência que procura analisar os signos que circulam na sociedade. Para uma compreensão mais particular a partir desse conceito, segundo Hodge e Kress (1988)

A semiótica social focaliza a semiose humana, compreendendo-a como um fenômeno inerentemente social em suas origens, funções, contextos e efeitos [...]. Os significados sociais são construídos por meio de uma série de formas, textos e práticas semióticas de todos os períodos da história da sociedade humana. (HODGE; KRESS, 1988, p. 261).

A Semiótica Social, tal como é concebida no presente trabalho, tem relação tênue com os pressupostos teóricos da Linguística Sistemática Funcional (doravante LSF) de Halliday e Matthiessen (2004). Santos (2014) escreve que a LSF

é uma abordagem ao estudo da linguagem que está centrada na noção de “função”; isso porque considera a gramática em termos de como ela é usada para produzir significados. Essa proposta, iniciada nos estudos de Halliday nas décadas de 1960 e 1970, é sistêmico-funcional porque concebe a língua como uma rede de sistemas interligados que o falante faz uso (base funcional) para produzir significados (base semântica) em situações de comunicação. Nessa perspectiva, a língua deixa de ser um mero sistema regulado por regras e passa a ser estudada de um ponto de vista sócio-semiótico, considerando-a como um sistema de produção de significados. (SANTOS, 2014, p. 166)

Respaldados pelos pressupostos de Halliday e Matthiessen, Kress e Van Leeuwen (2006) escrevem, no livro *Reading Images: The Grammar of Visual Design*, que assim como a gramática de uma língua descreve como as palavras se combinam em sentenças e textos, a gramática visual revela como se dá a combinação de pessoas, lugares e coisas em declarações visuais de maior ou menor complexidade e extensão. Tal como a LSF, a GDV estabelece três metafunções, conforme se pode observar no quadro a seguir:

Metafunções da LSF	Metafunções da GDV
---------------------------	---------------------------



(Halliday e Matthiessen, 2004)	(Kress e Van Leeuwen, 2006)
Ideacional	Representacional
Interpessoal	Interativa
Textual	Composicional

Figura 1: Quadro elaborado pela autora deste artigo

Para Kress e Van Leeuwen (2006), a metafunção representacional está relacionada às potencialidades do sistema semiótico em representar objetos, ou participantes, e sua relação com o mundo. Os participantes envolvidos podem ser classificados como interativo (PI) e representados (PR). O primeiro se refere ao produtor e interlocutor de um texto, enquanto o segundo diz respeito aos participantes da cena, que podem ser ator (quando partir dele um vetor) ou meta (quando um vetor apontar para ele). Os vetores, de acordo com Pimenta e Maia (2014, p.134),

são aquilo que linguisticamente definimos como “verbos”. Nas imagens, eles são linhas visíveis ou imaginárias formados pelos corpos, ou membros, ou ferramentas em ação, e que indicam processos, os quais são de dois tipos: narrativos ou conceituais.

O tipo narrativo envolve cinco processos: processo de ação (quando há vetores que partem de um ator para um alvo), podendo ser não-transacional (quando é possível perceber apenas um participante - o ator) ou transacional (quando ator e alvo podem ser identificados); processo de reação (quando o vetor é formado pela direção em que o olhar dos participantes representados se encontra); processo verbal ou mental (quando os dizeres são representados por meio de balões – como no caso das tiras de humor); processo de conversão (quando há uma mudança de status do PR, passando de ator à meta, ou vice-versa); processo de simbolismo geométrico (quando há somente o vetor indicando determinada direção).

Em relação ao tipo conceitual, os textos podem apresentar três processos distintos, sendo eles: classificacional (quando os participantes exercem papéis diferenciados de subordinados e subordinantes, ou ainda de participantes intermediários); analítico (quando os participantes estabelecem uma relação de parte-todo, sendo que um deles é o portador, o todo, enquanto o outro o atributo, a parte); simbólico que diz respeito ao que um participante significa ou é. Pode ser atributivo, quando a identidade de um participante (portador) é estabelecida na relação com outro participante (atributo), ou o sugestivo, quando o participante representa a própria identidade.” (PIMENTA; MAIA, 2014, p.135).



A segunda metafunção apresentada por Kress e Van Leeuwen (2006), a interativa, relaciona-se às interações que se estabelecem entre participantes representados participantes interativos. Essas interações são efetivas e podem ser analisadas por meio dos seguintes mecanismos:

- Olhar: sinaliza o grau de interação, podendo se classificar como demanda, quando o PR olha diretamente para o leitor (PI), e oferta, quando o PR olha para o leitor de maneira indireta.
- Enquadramento/Distanciamento: representa uma relação imaginária de maior ou menor distância social, que pode ser percebida considerando-se os vários tipos de enquadramento: plano fechado (cabeça até ombros); plano médio (cintura para cima); plano aberto (todo o corpo do participante).
- Perspectiva: evidencia as relações de poder e de envolvimento entre os participantes. A perspectiva se dá por meio de três ângulos que determinam a subjetividade da imagem em relação aos seus espectadores: ângulo frontal (apresenta o PR de frente), ângulo oblíquo (apresenta o PR de perfil), ângulo vertical (apresenta o PR voltando-se para cima ou para baixo).
- Modalidade: dá às mensagens credibilidade. Segundo Santos (2011, p. 13), a modalidade determina a realidade dos PR na imagem por meio de recursos que podem torná-los reais ou irreais para os PI.

No que se refere à metafunção composicional, conforme escrevem Kress e Van Leeuwen (2006), ela está relacionada com a disposição dos elementos que estruturam um texto imagético. Nesse sentido, os autores apresentam três sistemas: valor da informação, saliência e moldura.

O primeiro sistema diz respeito à posição que os elementos ocupam no texto, sendo que cada posição possui um valor. A noção de “dado” (informações dadas, conhecidas pelo leitor) se refere aos elementos colocados à esquerda, e a de “novo” (informações novas e necessárias ao leitor) aos elementos dispostos à direita. As informações dadas são consideradas aquelas do senso comum, já as novas que são do senso comum dizem respeito àquilo que se quer atenção especial. Há, também, as noções de ideal e real. Segundo os autores supracitados, o que pode ser considerado “ideal” se localiza na parte superior e “real” na parte inferior, trazendo informações que tendem a ser mais práticas e ligadas à realidade. Os autores exploram, também, a ideia de centro/margem, concebendo o centro como núcleo da informação e margem como o lugar de outras informações que estão ligadas, de alguma forma, à central.

No que concerne à saliência, trata-se de um sistema que hierarquiza as informações, sendo possível perceber o grau de importância dado aos modos semióticos. Acontece por meio de destaques e de acentuações como: efeitos de cores, tamanho, planos e contrastes. O sistema de



moldura opera no sentido de demarcar a conexão ou desconexão entre os elementos de uma imagem, indicando se pertencem ou não à informação central.

É importante ressaltar que Kress e Van Leeuwen estabelecem algumas classificações considerando a organização da sintaxe visual das produções imagéticas que circulam na sociedade ocidental. Ademais, defende-se, aqui, a linguagem como um fenômeno social, portanto, é possível que as categorias de análise baseadas na GDV não se apliquem em algumas práticas de leitura.

Tendo em vista a teorização apresentada a despeito da GDV, o presente estudo considera que a observância das metafunções oferece possibilidades para o encaminhamento do processo de leitura de textos multimodais/multissemióticos, cada vez mais disseminados pelas TDIC.

3. Análise de uma tira de humor: possibilidades de leitura

De acordo com Xavier (2009), ao considerar os textos que circulam hoje em ambientes digitais, as análises linguísticas têm apresentado limitações em função da pluralidade de recursos que os compõem, tais como: linguagem verbal, segregações, imagens, cores, divisões em páginas, todos são recursos possíveis e constitutivos da enunciação digital.

Sendo assim, pensando no espaço das aulas de Língua Portuguesa, será apresentada uma possibilidade de leitura a partir de uma tira de humor, que por sua vez, será analisada com base na GDV. Ressalta-se que apenas uma tira, sem muitos recursos semióticos a serem observados, foi eleita, haja vista os limites do presente trabalho, e reafirma-se que a proposta a seguir se trata de uma entre tantas possibilidades de leitura.



Figura 2: Tira de humor disponível em Google Imagens



Considerando as metafunções apresentadas por Kress e Van Leeuwen (2006), considera-se aqui que a Gramática do Design Visual pode contribuir para práticas de leitura em sala de aula na contemporaneidade, no sentido de ampliar possibilidades de produção de sentidos.

No que concerne à metafunção representacional, pode-se dizer que os participantes interativos são o criador da tira, Alexandre Beck, e seus leitores. Os participantes representados são Armandinho e um homem (que pode ser identificado por meio da mostra de parte de seu corpo - pernas), possivelmente seu pai, tomando como base no diálogo que se estabelece entre eles. Em relação aos vetores, são verificados os processos de reação, quando se observa a direção do olhar de Armandinho nos três quadinhos da tira; o processo verbal ou mental, que pode ser identificado por meio dos textos verbais que dizem respeito às falas dos personagens; e o processo de simbolismo geométrico, explicitado por pequenas linhas que ligam o texto verbal ao PR que não está explicitado.

A segunda metafunção a ser considerada para a análise é a interativa e, por meio dela, percebe-se como os participantes se relacionam. Na tira em questão, pode-se afirmar que há uma distância aparente entre os PRs e entre PRs e PI, uma vez que o olhar de Armandinho não se encontra com o olhar do outro PR e, em nenhum momento, se volta para o leitor. O enquadramento (plano aberto, mostrando o participante de corpo inteiro), pensando na relação entre PR e PI, desvela que Armandinho não se envolve, diretamente e intimamente, com o seu leitor. No tocante à perspectiva, que sugere as relações de poder e de envolvimento entre os participantes, o ângulo oblíquo por meio do qual Armandinho é representado sugere uma imparcialidade entre o personagem e o leitor. Ainda em referência ao ângulo, quando, no terceiro e último quadrinho, o leitor vê Armandinho voltando seu olhar para cima, é possível considerar que há uma relação de superioridade estabelecida, o que pode se confirmar quando se lança mão dos mecanismos da metafunção composicional.

No que diz respeito à última metafunção, pode-se verificar que em todos os quadinhos, o participante Armandinho foi colocado na posição direita, ocupando o lugar daquilo que é considerado pela GDV como “novo”. Ao ler a tira, esse pode mesmo ser o sentido apresentado por Armandinho que contraria as expectativas de PR e, possivelmente, de PI, ao dizer que o essencial à vida dos seres humanos é o amor e não a água. Pode-se observar que o espaço central dos quadinhos é ocupado por texto verbal, onde reside, então, maior importância para a produção de sentidos. Por fim, a despeito da saliência, ela se evidencia no último quadrinho, quando o leitor se depara com contrastes de tamanho dos participantes (as pernas de um PR são maiores que o outro PR), o que sinaliza, também, superioridade.



Considerando o contexto da escola, em especial as aulas de Língua Portuguesa, os padrões representacionais, interativos e composicionais apresentados podem oferecer possibilidades para o encaminhamento do processo de leitura, e, conseqüentemente, para o aperfeiçoamento das habilidades leitoras a partir das imagens que constituem diversos gêneros que circulam na sociedade da informação, em que as interações realizadas em ambientes digitais têm se ampliado de forma exponencial.

O professor poderá encaminhar discussões concernentes à ideia de autoria na atual conjuntura, poderá explorar os sentidos da ausência de um dos participantes nos dois primeiros quadinhos e das distintas direções do olhar de Armandinho. Além disso, o professor poderá, junto aos alunos, caracterizar os textos verbais, levando em conta dimensões não só linguísticas, mas textuais e discursivas.

Nesse sentido, experiências pautadas nos pressupostos teóricos da GDV viabilizam o enfrentamento da complexidade inerente ao processo de leitura de textos multissemióticos, favorecendo a ampliação de habilidades relacionadas aos multiletramentos.

Considerações finais

O presente trabalho se propôs a discutir contribuições do gênero tira de humor para a ampliação de multiletramentos. Após a discussão teórica empreendida e a análise de uma tira, tendo em vista os conceitos basilares da Gramática do Design Visual, apresentada e discutida por Kress e Van Leeuwen (2006), procurou-se estabelecer uma relação entre os mecanismos de análise e possibilidades de leitura em sala de aula. A partir dessa abordagem, considera-se a multimodalidade, conforme escreve Rojo (2009), não como uma simples soma de linguagem, mas como uma interação de modos que oportuniza uma experiência de leitura e análise linguística que permite ao aluno uma reflexão sobre a linguagem e não, menos obstatante, sobre o mundo.

A educação é concebida, no presente trabalho, como um meio de transformação. Sendo assim, acredita-se que, entre tantos outros gêneros textuais/discursivos cada vez mais propagados pelas TDIC, tiras de humor no âmbito escolar contribuem para a ampliação de multiletramentos ao passo que abrem espaços para que questões de ordem social sejam discutidas e para que habilidades de leitura sejam desenvolvidas e aperfeiçoadas, a fim de que os alunos façam uso adequado da linguagem e suas semioses nas diversas situações comunicativas, se portando como criadores de significações, analistas críticos e transformadores de discursos.



MULTILITERACIES IN CLASSROOM: POTENTIALITIES OF HUMOR STRIPS GENDER

Abstract: In contemporary times, the emergence of discussions about the new technologies being appropriate in the school space is perceived. In this context, the process of teaching and learning has been reconfigured. Thus, the present work aims to undertake a study on the expansion of multiletramentos in school, through the textual genre strip humor. For this, in addition to a theoretical research, a humor strip analysis was undertaken, based on The Visual Design Grammar (Kress and Van Leeuwen, 2006). Through the study, it was possible to perceive the possible contributions of the genre-stripping genre in the classroom, since not only language skills can be developed, but also discursive.

Keywords: Multiliteracies. New technologies. Humor strips.

Referências

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Maria Silva Mendes de. 2008. *O gênero discursivo tira em atividades de leitura em sala de aula*. São Paulo: Universidade de Taubaté/UNITAU.

GNL. A pedagogy of multiliteracies – Designing social futures. In: COPE, B; KALANTZIS, M. (Eds.) *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London/NY: Routledge, 2006[2000/1996].

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004.

HODGE R.; KRESS, G. *Social semiotics*. Cambridge: Polity Press, 1988.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 5th. London and New York: Routledge, 2006.

LEITE, J. da S. V. A tirinha: gênero norteador do ensino de língua. Disponível em: < http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/tcc/2013/paraiba/pombal/jane_da_silva_vieira_leite.pdf >. Acesso em: 03 jun 2017.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *D.E.L.T.A.*, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.



PIMENTA, S. M. de O.; MAIA, D. G. Multimodalidade e letramento: análise da propaganda Carrossel. *Desenredo*, v. 10, p. 126-148, 2014.

PINHEIRO, P. A. Construção multimodal de sentidos em um vídeo institucional: (novos) multiletramentos para a escola. *Veredas* (UFJF. Online), v. 19, p. 209-224, 2015.

ROJO, R. O letramento escolar e os textos da divulgação científica – a apropriação dos gêneros de discurso na escola. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 8, n. 3, p. 581-612, 2008.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, Z. B. dos. A concepção de texto e discurso para semiótica social e o desdobramento de uma leitura multimodal, *Revista Gatilho*, UFJF: p.1–14, 2011.

SANTOS, Z. B. dos. A Linguística Sistêmico-Funcional: Algumas considerações. In: *Dossiê* - N. 28 – 2014.2.

SILVA, J. R. C. da. *O gênero tira de humor e os recursos enunciativos que geram o efeito risível*. 2008. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/07/12.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2017.

XAVIER, A. C. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologias*. 1 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE.2009.227 p.

